

Perspectivas de inovação social disseminadas por organizações de suporte: implicações para o ecossistema

Perspectives of social innovation disseminated by support organizations: implications for the ecosystem

Perspectivas de innovación social difundidas por organizaciones de apoyo: implicaciones para el ecosistema

Autoria

Daniella Machado de Carvalho Roschel

 Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
 daniellaroschel@gmail.com
 <https://orcid.org/0009-0007-6813-0716>

Helena Kuerten de Salles

 Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
 helenaksalles@gmail.com
 <https://orcid.org/0000-0002-7453-3219>

Rebeca de Moraes Ribeiro de Barcellos

 Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
 rebeca.ribeiro@ufsc.br
 <https://orcid.org/0000-0001-9302-7285>

RESUMO

Objetivo: Este estudo de caso ilustrativo teve como objetivo problematizar a concepção de inovação social subjacente à atuação de prominentes organizações de suporte à formação no EIS. **Metodologia/Abordagem:** A pesquisa foi conduzida por meio de observação, análise de documentos e entrevistas, investigando duas relevantes organizações de suporte à formação que atuam no EIS de Florianópolis (SC), a partir da análise de três dimensões da IS: processo, atores e propósito. **Originalidade/Relevância:** Diferentemente de abordagens que tratam a IS de forma neutra ou homogênea, o estudo revela como essas organizações se vinculam a narrativas específicas — tecnocráticas ou democráticas —, moldando não apenas as práticas de inovação social, mas também a direção dos processos de mudança social no ecossistema. **Principais Resultados:** A pesquisa revelou que a perspectiva tecnocrática de IS é a mais prevalente na atuação das organizações investigadas. Isso evidencia que a concepção de IS não é neutra, mas representa um projeto de sociedade em disputa. **Contribuições Teóricas:** O estudo amplia o entendimento sobre a inovação social ao evidenciar como as organizações de suporte moldam significados e narrativas no ecossistema, destacando a influência das perspectivas tecnocrática e democrática nos processos de mudança social. **Contribuições para a Gestão:** A pesquisa oferece insights para gestores alinharem suas práticas e narrativas às transformações sociais desejadas, destacando o impacto das perspectivas adotadas na configuração do ecossistema de inovação social.

Palavras-chave: Inovação social. Ecossistema de inovação social. Organizações de suporte. Perspectivas de inovação social

ABSTRACT

Goal: This illustrative case study aimed to problematize the conception of social innovation underlying the work of prominent training support organizations in the EIS. **Methodology/approach:** The research was conducted through observation, document analysis and interviews, investigating two relevant training support organizations that operate in the EIS of Florianópolis (SC), based on the analysis of three dimensions of SI: process, actors and purpose. **Originality/relevance:** Unlike approaches that treat SI in a neutral or homogeneous way, the study reveals how these organizations are linked to specific narratives — technocratic or democratic —, shaping not only social innovation practices, but also the direction of social change processes in the ecosystem. **Main findings:** The research revealed that the technocratic perspective of SI is the most prevalent in the work of the organizations investigated. This shows that the conception of SI is not neutral, but represents a project of society in dispute. **Theoretical contributions:** The study expands the understanding of social innovation by showing how support organizations shape meanings and narratives in the ecosystem, highlighting the influence of technocratic and democratic perspectives on social change processes. **Management contributions:** The research offers insights for managers to align their practices and narratives with the desired social transformations, highlighting the impact of the perspectives adopted in the configuration of the social innovation ecosystem.

Keywords: Social innovation. Social innovation ecosystem. Support organizations. Perspectives on social innovation

RESUMEM

Objetivo: Este estudio de caso ilustrativo tuvo como objetivo problematizar la concepción de innovación social que subyace a las acciones de organizaciones destacadas que apoyan la formación en EIS. **Metodología/enfoque:** La investigación se realizó a través de observación, análisis de documentos y entrevistas, investigando dos organizaciones relevantes de apoyo a la formación que actúan en el EIS de Florianópolis (SC), a partir del análisis de tres dimensiones del SI: proceso, actores y propósito. **Originalidad/relevancia:** A diferencia de los enfoques que tratan la IS de manera neutral u homogénea, el estudio revela cómo estas organizaciones están vinculadas a narrativas específicas –tecnocráticas o democráticas–, dando forma no sólo a las prácticas de innovación social, sino también a la dirección de los procesos de innovación social. **Cambio en el ecosistema.** **Principales resultados:** La investigación reveló que la perspectiva tecnocrática del EI es la más prevalente en las actividades de las organizaciones investigadas. Esto demuestra que la concepción del EI no es neutral, sino que representa un proyecto de sociedad en disputa. **Contribuciones teóricas:** El estudio amplía la comprensión de la innovación social al resaltar cómo las organizaciones de apoyo dan forma a los significados y narrativas en el ecosistema, destacando la influencia de las perspectivas tecnocráticas y democráticas en los procesos de cambio social. **Contribuciones a la gestión:** La investigación ofrece ideas para que los gerentes alineen sus prácticas y narrativas con las transformaciones sociales deseadas, destacando el impacto de las perspectivas adoptadas en la configuración del ecosistema de innovación social.

Palabras clave: Innovación social. Ecosistema de innovación social. Organizaciones de apoyo. Perspectivas de innovación social.

INTRODUÇÃO

O conceito de inovação social (IS) tem uma longa trajetória, o que contribui para uma variedade de significados e uma pluralidade de perspectivas, imprimindo uma natureza multidisciplinar ao campo de estudos sobre IS (Godin, 2012; Moulaert & MacCallum, 2019; Bragaglia, 2021). Moulaert (2009) identifica pelo menos quatro áreas das ciências sociais contemporâneas que utilizam o conceito: administração, artes e criatividade, desenvolvimento territorial e ciência política. Cajaiba-Santana (2014) também destaca que o debate sobre IS abrange disciplinas como administração pública, história, movimentos sociais, gestão, psicologia social, economia e empreendedorismo social. Essas diferentes abordagens resultam em diversas escolas de pensamento acerca da inovação social.

Shockley (2015) distingue duas vertentes principais da IS: uma baseada nos estudos anglo-americanos de empreendedorismo e outra nas economias sociais euro-canadenses. A primeira se concentra em inovação empresarial e gestão organizacional, enquanto a segunda se baseia em movimentos sociais e economia solidária. Essas distinções, bem como outros dualismos no campo de pesquisa, refletem tensões significativas que impactam o avanço dos estudos sobre IS (Cajaiba-Santana, 2014; Unger, 2015; Ayob et al., 2016; Montgomery, 2016). Essas múltiplas perspectivas também influenciam os ecossistemas de inovação social (EIS), ou seja, as redes e condições de apoio que possibilitam o surgimento e a disseminação de inovações sociais (Pel et al., 2020).

Estas redes que formam o ecossistema são compostas por diversos atores, dentre os quais se encontram os atores de suporte que atuam no apoio à inovação social, seja fornecendo articulação, financiamento ou formação (Magalhães et al., 2020; OBISF, 2023). As organizações de suporte que atuam com formação apoiam as iniciativas de inovação social por meio da promoção de capacitação, workshops e treinamentos, entre outras atividades. Neste contexto, as organizações de suporte à formação atuam alicerçadas em determinadas concepções, manifestadas de forma explícita ou não, sobre o que seja Inovação Social que fornecem diretrizes práticas de como as questões sociais podem ser enfrentadas. Assim, ao elaborar e vivenciar essas concepções, as organizações de suporte à formação estão profundamente envolvidas na produção do significado de inovação social e exercem influência sobre a maneira como este significado se propaga no ecossistema.

É fundamental compreender essas concepções, pois elas afetam diretamente o suporte que as organizações oferecem às iniciativas de IS. Esse apoio pode tender tanto para a manutenção das estruturas sociais vigentes quanto para desafiá-las e propor novas estruturas sociais e relacionais (Wittmayer et al., 2019). Salles (2014) e Salles e Dellagnelo (2019) ao analisarem o discurso da avaliação de desempenho de propagado por organizações de formação, identificaram que elas têm contribuído fortemente na expansão do pensamento gerencialista no campo associativista.

As autoras argumentam que a avaliação é um momento em que se disputa como a sociedade deve ser, por meio de uma disputa discursiva. Em outras palavras, os parâmetros acionados na avaliação de desempenho envolve disputas ideológicas, onde alguns atores poderão ganhar mais que outros, caracterizando a avaliação como um ato político. Da mesma forma, reconhecer a concepção de inovação social disseminada nos EIS pode suscitar reflexões sobre os projetos de sociedade que estão em jogo nas diferentes visões de inovação social (Slee et al., 2021).

Apesar da relevância do tema, as publicações sobre EIS ainda são incipientes e escassas. Em uma pesquisa na base de dados Scopus¹ foram encontrados 22 artigos, sendo que nenhuma dessas estudos aborda o papel dos atores de suporte, embora diversos autores (Andion et al., 2020; Pel et al., 2020; Audretsch et al. 2022) já tenham destacado a importância de se aprofundar em pesquisas sobre o tema.

Dada a relevância do tema e a escassez de estudos a respeito, a presente pesquisa tem como objetivo **problematizar a concepção de inovação social subjacente à atuação de proeminentes organizações de suporte do ecossistema**. Para tanto, apresentamos um estudo de caso ilustrativo que descreve e analisa a atuação de duas relevantes organizações de suporte à formação que atuam no ecossistema de IS de Florianópolis (SC), a partir da análise de três dimensões da inovação social: processo, atores e propósito. Ao trazer luz para essa questão pretendemos mostrar a diversidade empírica das concepções contemporâneas sobre IS e suas consequências para os processos de mudança social.

Este artigo está organizado em cinco seções. Além desta contextualização inicial, apresentamos uma revisão de literatura sobre inovação social e seus modelos de análise. Em seguida, descrevemos os procedimentos metodológicos e, por fim, discutimos as implicações dos achados para o EIS e para o campo de estudos em inovação social, apontando caminhos para futuras pesquisas.

■ INOVAÇÃO SOCIAL

Na literatura não há consenso sobre o conceito de inovação social, havendo uma pluralidade de definições. A longa trajetória histórica do conceito contribuiu para esse cenário (Godin, 2012; Moulaert & MacCallum, 2019; Maldonado-Mariscal & Alijew, 2023). As ideias contemporâneas de inovação social a reconhecem como uma importante alternativa para enfrentar desafios socioambientais cada vez mais complexos. Contudo, olhando em retrospectiva é possível reconhecer que o termo inovação social se transformou ao longo do tempo (Godin, 2012; Satalkina & Steiner, 2022; Alves; 2023).

Durante o século XIX, a inovação social foi marcada por duas conotações principais: associada ao socialismo, conferindo-lhe um sentido depreciativo; e à reforma social, com um entendimento mais positivo. No século XX, o conceito adquiriu uma interpretação mais neutra, referindo-se a novos comportamentos ou práticas sociais. Ao longo desse período, no entanto, a

¹ Busca em janeiro de 2024 com os seguintes critérios: sem recorte temporal; termo “social innovation ecosystem” nos campos título, resumo ou palavras-chave; área “Social Sciences” ou “Business, Management and Accounting”.

inovação social não foi amplamente teorizada. Segundo MacCallum et al. (2017) foi apenas a partir da década de 1970 que houve um interesse renovado e crescente na inovação social como uma alternativa para o enfrentamento de problemas sociais. Esses autores destacam que esse renascimento da inovação social foi influenciado por diversos fatores, tais como: os movimentos radicais de emancipação; as lutas sociais contra o capitalismo e o Estado patriarcal; e a busca por uma nova forma de democracia econômica. No final do século XX, emergiram vários campos de ação e estudo relacionados à inovação social, incluindo economia social e solidária, antropologia, artes e cultura, desenvolvimento urbano e regional, desenvolvimento comunitário e estudos de transição. Essa representação positiva contribuiu para a difusão do termo (Godin, 2012) se refletindo, por exemplo, no aumento das publicações científicas sobre o tema. Um levantamento na base de dados Scopus revelou que 92% do total da produção acadêmica sobre inovação social foi publicada nos últimos dez anos.

Embora exista uma ampla variedade de estudos sobre inovação social, diversos autores reconhecem elementos comuns subjacentes a essas pesquisas e os agrupam em correntes de pensamento. Shockley (2015) distingue duas principais correntes: uma baseada nos estudos anglo-americanos de empreendedorismo e outra nas economias sociais euro-canadenses. A primeira corrente refere-se à literatura de inovação social voltada para a inovação empresarial e as ciências de gestão organizacional, desenvolvida desde os anos 1980, que ganhou destaque como resposta ao rápido declínio do estado de bem-estar social. Por outro lado, a literatura euro-canadense está enraizada nos ideais emancipatórios dos movimentos sociais e nas abordagens de desenvolvimento territorial surgidas no final da década de 1970. Para Cajaiba-Santana (2014) e Ayob et al. (2016), os estudos sobre inovação social têm sido polarizados entre a abordagem da agência, que enfatiza o papel de indivíduos ou “heróis” como a força causal primária, e a abordagem estruturalista, que foca em como as estruturas e os contextos sociais influenciam e moldam a inovação social.

Unger (2015) oferece duas perspectivas da inovação social: uma versão minimalista e outra maximalista. A interpretação minimalista sugere que o movimento de inovação social se limita a humanizar os arranjos sociais e econômicos existentes, ao invés de transformá-los fundamentalmente. Já a visão maximalista enfatiza a necessidade de uma mudança abrangente na sociedade, incluindo tanto seus arranjos institucionais quanto suas formas dominantes de consciência. Montgomery (2016) indica a existência de duas escolas de inovação social: o paradigma tecnocrático, favorecido pelo neoliberalismo e pela natureza despolitizante, e o paradigma democrático, defendido pelos opositores do neoliberalismo e com o objetivo de criar espaços para alternativas ao projeto neoliberal. Andion et al. (2017) destacam duas vertentes principais de inovação social: a abordagem instrumental, focada na solução de problemas sociais específicos, e a abordagem institucional, que enfatiza transformações de longo prazo na sociedade.

Montgomery (2016) argumenta que as diferentes perspectivas de inovação social estão fundamentadas em um conflito mais amplo entre o neoliberalismo e seus opositores no campo da inovação social. O paradigma tecnocrático alinha-se aos princípios neoliberais, com ênfase na eficiência, eficácia e em soluções orientadas para o mercado. Nesse modelo, a governança tecnocrática prioriza o uso de conhecimento especializado e dados

Perspectivas de inovação social disseminadas por organizações de suporte: implicações para o ecossistema

técnicos na formulação de políticas, concentrando a tomada de decisão nas mãos de especialistas, vistos como os mais aptos para lidar com questões sociais complexas. Por outro lado, o paradigma democrático desafia o neoliberalismo e busca promover modelos alternativos de inovação social que priorizem a justiça social, a equidade e a participação democrática. Essa abordagem valoriza a ação coletiva, os movimentos populares e as iniciativas comunitárias como forças impulsoradoras da mudança social (Savall, 2022).

A diversidade de perspectivas e a longa trajetória histórica dos estudos sobre inovação social se reflete em variadas possibilidades de definições do conceito, conforme ilustrado na Figura 1.

Figura 1.

Significados Contemporâneos de Inovação Social

Referência	Contexto Social	'Mensagens' específicas - Definições de IS
Moulaert et al. (1995; 2000) CRISES (Klein and Harrison, 2006)	Ascensão do 'movimento' de desenvolvimento local Dinâmicas territoriais	Inovação nas relações sociais para satisfazer necessidades coletivas Papel do empoderamento e da transformação sociopolítica
EMES (Nyssens, 2007)	Sucessão de crises econômicas que desempregam pessoas	Retomada da economia social em interação com a lógica do mercado, mas visando o desenvolvimento de inovações autônomas
Young Foundation/SIX (Mulgan, 2007; Murray et al. 2010)	Transição do liberalismo disciplinador para o liberalismo solidário – A sociedade civil como provedora	"Inovações que são sociais tanto nos seus fins como nos seus meios"
TRANSIT (Pel et al 2016, 2017) SI-DRIVE (Howaldt and Schwartz 2016) WISIR (Westley and Andatze, 2010)	Sociedade globalmente conectada; surgimento de novos movimentos contra hegemônicos.	Inovações sociais como transformadoras, impulsoradoras da mudança social/sistêmica.

Nota. Adaptado de Moulaert e MacCallum (2019).

Um ponto comum de diversas perspectivas da IS é o papel da cooperação e da participação de atores diversos na proposição de soluções sociais duradouras (Bignetti, 2011; Cloutier, 2003; Tardif & Harrison, 2005; Mulgan, 2006; Rollin & Vicent, 2007; Buckland & Murillo, 2013; Cunha & Benneworth, 2013; Avelino et al., 2019). Essa rede de atores forma o que se pode chamar de sistema ou ecossistema de inovação social (EIS). O ecossistema de inovação social é entendido como uma rede que reúne diversos atores que colaboram para enfrentar problemas sociais e criar soluções inovadoras, incluindo: empreendedores sociais, governos, organizações sem fins lucrativos, instituições acadêmicas e a comunidade. O ecossistema cria um ambiente propício à inovação social, facilitando a troca de conhecimentos, recursos e ideias, além de estimular a cooperação e a experimentação. Seu objetivo é impulsionar o desenvolvimento sustentável, promover práticas democráticas e enfrentar problemas públicos complexos (Fulgêncio & Fever, 2016; Andion et al., 2020).

Segundo Pel et al. (2020) a ideia de Ecossistema de Inovação Social extrapola a visão reducionista da agência de "heróis" individuais da inovação. Assim, os EIS não são apenas estruturas de apoio para empreendedores sociais, mas envolvem uma grande quantidade de atores e organizações que moldam conjuntamente as inovações sociais. Ao explorar um EIS, identifica-se, além das iniciativas que atuam diretamente no enfrentamento dos problemas sociais, existem organizações que atuam "nos bastidores" forne-

cendo diferentes formas de suporte, como: articulação, financiamento ou formação (Magalhães et al., 2020; Domanski & Kaletka, 2018; 2020) assinalam a importância de se estudar a rede de suporte e Cajaiba-Santana (2014, p. 48) sugere investigar as interações complexas que acontecem na rede, “mais especificamente, o que pensam, o que valorizam, como se comportam e como se dão as inter-relações entre os atores e os sistemas sociais”.

As organizações de suporte à formação são aquelas que fornecem apoio técnico especializado, capacitações e conteúdos voltados para a inovação social. Ao gerar e disseminar conhecimento, essas organizações influenciam a definição do que se entende por inovação social. Ou seja, a concepção disseminada por essas organizações molda percepções, fortalece e reforça uma determinada narrativa de inovação social. Assim, elas não apenas “ensinam” novas maneiras de desenvolver inovações sociais, mas também participam da construção da realidade social, podendo ou não propor novos enquadramentos e perspectivas de conhecimento (Wittmayer et al., 2019). Portanto, as ideias promovidas dentro do ecossistema de inovação social (EIS) afetam a maneira como as questões sociais são interpretadas, as visões de futuros projetados e caminhos para alcançá-los. Isso significa que a atuação das organizações de suporte é moldada pelas concepções de IS que adotam, (Cajaiba-Santana, 2014), por isso a importância de reconhecê-las.

Na próxima seção, discutimos modelos de análise da IS que podem contribuir para este reconhecimento, ao evidenciar dimensões que permitem explorar a dinâmica de desenvolvimento da IS.

■ MODELOS DE ANÁLISE DA INOVAÇÃO SOCIAL

Diversos autores têm desenvolvido modelos para analisar as inovações sociais, como Cloutier (2003), Tardif e Harrisson (2005), Mulgan (2006), Rollin e Vicent (2007), Buckland e Murillo (2013), Cunha e Benneworth (2013) e Haxeltine et al. (2013). Esses modelos fornecem estruturas teóricas que servem como referencial para explorar o desenvolvimento da IS. Na Tabela 1 sintetizamos as principais dimensões propostas por cada um dos modelos estudados.

Tabela 1.

Síntese das Dimensões de Análise da Inovação Social

Autor	Dimensões de análise
Cloutier (2003)	Forma; Processo; Atores; Objetivo da mudança; e Resultados obtidos.
Tardif e Harrisson (2005)	Transformação; Caráter inovador; Inovação; Atores; e Processos.
Mulgan (2006)	Diagnóstico; Geração de propostas; Desenvolvimento de um protótipo; Manutenção; Escala e difusão; Mudança sistêmica.
Rollin e Vicent (2007)	Emergência; Experimentação; Apropriação; Aliança; transferência; e difusão.
Buckland e Murillo (2013)	Impacto social; Sustentabilidade econômica; Tipo de inovação; Colaboração intersetorial; Escalabilidade e replicabilidade.
Cunha e Benneworth (2013)	Geração de ideias; Criação de espaço protegido; Demonstração; Decisão de expandir; Coalizão de apoio; Codificação; e Difusão.
Haxeltine et al. (2013)	Inovação social; Inovação do sistema; Game-changers; Narrativas de mudança; Transformação da sociedade.

Apesar de sustentarem diferentes perspectivas, quando explorados detalhadamente esses modelos apresentam dimensões em comum para analisar a IS, dentre as quais se destacam: processo, atores e propósito da inovação social.

A dimensão processo diz respeito à criação e implementação da IS e é um importante elemento para analisá-la. Compreender a forma como as soluções são geradas e implementadas evidencia a sua originalidade e objetivos (Cloutier, 2003). Para Tardif e Harrison (2005) o processo pode ser compreendido por meio do modo de coordenação, dos meios e das restrições. O modo de coordenação se refere à maneira como as organizações envolvidas interagem, coordenam e se relacionam no processo de inovação social, podendo ser uma coordenação mais hierárquica ou horizontal. Os meios referem-se aos recursos utilizados na realização do processo, incluindo recursos humanos, informacionais, financeiros e tecnológicos. Também são entendidos como meios a formação de parcerias, negociações de interesse, mobilização de recursos e integração de diferentes setores para o desenvolvimento do processo. Por fim, as restrições são as barreiras e desafios encontrados durante o processo, as quais podem estar relacionadas à resistência de determinados grupos, questões políticas, econômicas ou culturais e ainda à complexidade do contexto em que a inovação social está sendo desenvolvida.

A dimensão atores destaca que inovação social é um processo dinâmico que requer o envolvimento de indivíduos, grupos ou organizações que participam de forma direta e indireta do processo de inovação social e são fundamentais para a sua promoção (Cloutier, 2003; Tardif & Harrison, 2005; Buckland & Murillo, 2013; Andion et al., 2017). Para Tardif e Harrison (2005), existem quatro tipos de atores envolvidos no processo de inovação social: atores sociais, atores organizacionais, atores institucionais e atores intermediários.

Os atores sociais são aqueles que estão envolvidos diretamente no problema social, participam de forma ativa para a sua solução e muitas vezes são os principais beneficiários das iniciativas de inovação social. Podem ser os indivíduos das comunidades que vivenciam os problemas sociais ou a sociedade civil, como movimentos cooperativos, associações comunitárias e cooperativas. Já os atores organizacionais são as organizações que atuam em prol das inovações sociais, podendo ser empresas, organizações não governamentais (ONGs), associações comunitárias, organizações da economia social ou ainda empreendimentos coletivos. Os atores institucionais são representados pelas instituições do Estado, governos e instituições reguladoras e legislativas, os quais desempenham papéis relevantes na criação de políticas públicas, assim como fiscalizam e regulamentam organizações sociais que atuam na área. Por fim, os atores intermediários são aqueles chamados de atores híbridos, pois realizam um papel de conectar os diferentes atores envolvidos no processo de inovação social, promovendo colaboração e facilitando o diálogo entre os diferentes atores por meio de comissões e redes sociais (Tardif & Harrison, 2005).

A terceira dimensão da inovação social é o propósito e está relacionado ao objetivo do enfrentamento de problemas sociais, ambientais, econômicos ou políticos (Cloutier, 2003; Alperstedt & Andion, 2021). De forma geral, o objetivo deste enfrentamento pode ser a oferta de serviços ou produtos que contribuam na mitigação do problema ou pode ser o desenvol-

Perspectivas de inovação social disseminadas por organizações de suporte: implicações para o ecossistema

vimento de ações que visem transformar as estruturas sociais dominantes (Montgomery, 2016).

Como o processo de IS promovido pelas organizações de suporte à formação não é neutro (Wittmayer et al., 2019), argumentamos que há diferenças entre as características das dimensões da IS de acordo com a concepção de IS predominante e subjacente, de forma explícita ou não, na atuação das organizações de suporte à formação no EIS. A Tabela 2 relaciona estas dimensões com suas respectivas características, de acordo com a concepção de IS subjacente.

Tabela 2.

Concepções de IS envolvidas na atuação das organizações de suporte

Dimensão	A concepção associada à perspectiva tecnocrática de IS sustenta:	A concepção associada à perspectiva democrática de IS sustenta:
Processo	que os ciclos do IS envolvem: diagnóstico do problema, proposição de novas ideias de solução, prototipagem e teste, sustentação, difusão e mudança sistêmica. Adoção do Design Thinking, métodos provenientes da gestão e do design. Foco na criatividade em atendimento a necessidades sociais	que o processo de IS envolva colaboração e consenso entre uma pluralidade de atores e lógicas. Fortalecimento da economia social e solidária, governança participativa, coprodução de serviços, co-construção de políticas públicas
Atores	o papel de destaque do empreendedor social, de experts, de organizações	o papel de destaque dos afetados pelo problema social, instituições, cidadãos, formação de redes
Propósito	que o problema social é resolvido com o resultado do ciclo de inovação social (produtos e/ou serviços)	que o problema social depende de transformações estruturais (modos de produção e consumo e modelo de desenvolvimento)

Nota. Adaptado de Montgomery (2016) e Andion et al. (2017).

Na próxima seção apresentamos os procedimentos metodológicos no qual explicamos como as dimensões de análise da IS foram utilizadas para evidenciar as concepções de IS subjacentes a cada uma das organizações de suporte analisadas.

■ PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa foi guiada pela seguinte questão: quais são as concepções de IS subjacentes à atuação de organizações de suporte à formação na promoção da inovação social? Para respondê-la, realizamos um estudo de caso múltiplo, de caráter ilustrativo, com o objetivo de demonstrar as concepções de IS que fundamentam a atuação de organizações de suporte à formação no ecossistema de inovação social (EIS) da cidade de Florianópolis.

O estudo de caso é definido como “a análise de pessoas, eventos, decisões, períodos, projetos, políticas, instituições ou outros sistemas que são estudados de forma holística por um ou mais métodos” (Thomas, 2011, p. 513). Em particular, o estudo de caso ilustrativo é uma abordagem descritiva, que utiliza uma ou duas dimensões para caracterizar uma situação, com o intuito de tornar o desconhecido familiar e fornecer uma linguagem comum sobre o tema (Brown et al., 2005).

Para identificar as organizações mais representativas da problemática em questão e selecionar os casos para o estudo, utilizamos como ponto de partida o mapeamento disponível na plataforma do Observatório de Inovação Social de Florianópolis (OBISF)². De posse desses dados, classificamos as organizações em ordem de relevância adotando os seguintes critérios:

- 1.** Presença nas redes sociais e número de citações em sites de busca - foram avaliados o número de seguidores e o engajamento no Instagram, bem como os resultados de buscas no Google, uma vez que esses parâmetros denotam o alcance e repercussão das ideias disseminadas
- 2.** Rede de interações das organizações de suporte com as iniciativas de inovação social - critério analisado com base em recursos disponíveis na plataforma do OBISF.

Para confirmar essa classificação, realizamos entrevistas com três pesquisadores e quatro profissionais do campo da inovação social. Eles validaram os dados apresentados e ratificaram o Instituto Comunitário Grande Florianópolis (ICom) e o Social Good Brasil (SGB) como proeminentes organizações de suporte à formação para inovação social em Florianópolis, sendo essas escolhidas para ilustrar nossa discussão sobre as concepções de IS difundidas no EIS.

O Instituto Comunitário Grande Florianópolis (ICom), fundado em 2006, é uma organização da sociedade civil sem fins lucrativos, cuja missão é “promover o desenvolvimento comunitário em Santa Catarina mobilizando, articulando e apoiando investidores sociais e ações coletivas de interesse público” (ICom, 2023). Com sede no Centro Catarinense de Tecnologia (ACATE), o ICom conta com uma equipe de oito profissionais e foca suas atividades em três eixos: conhecimento e articulação comunitária, fortalecimento da sociedade civil organizada e estímulo ao investimento social privado.

O Social Good Brasil (SGB), fundado em 2012, também é uma organização sem fins lucrativos que visa promover o uso das tecnologias e inovações sociais para resolver problemas e melhorar a qualidade de vida das pessoas. Atua por meio de metodologias próprias no desenvolvimento de programas de formação, eventos, criação de produtos e projetos de inovação social em parceria com empresas, governo e organizações da sociedade civil. Inicialmente focado em tecnologia, desde 2017, o SGB passou a incluir o tema de dados em suas ações, ao perceber seu impacto social.

A segunda etapa da coleta de dados teve como objetivo compreender como essas organizações atuam. Para isto, coletamos dados secundários por meio de informações disponíveis nos sites das organizações, vídeos, reportagens, publicações em redes sociais, além de documentos institucionais. Também realizamos entrevistas semiestruturadas com a consultora de projetos do ICom (Entrevistada 1) e com a diretora executiva do SGB (Entrevistada 2). Ambas foram selecionadas pelo tempo que atuam nas respectivas organizações, pela posição que ocupam e pela representatividade diante do fenômeno investigado.

² Esta é uma plataforma digital e colaborativa que visa promover a interação e a aprendizagem coletiva no ecossistema de inovação social de Florianópolis, ampliando seu impacto (<https://observafloripa.com.br/>)

Para análise, desenvolvemos um quadro analítico com base em três dimensões (ver Tabela 2):

- 1. Processo:** como se dá a criação e implementação da IS, analisando o modo de coordenação, meios e restrições.
- 2. Atores:** agentes envolvidos no desenvolvimento da IS, incluindo atores sociais, organizacionais, institucionais e intermediários.
- 3. Propósito:** o objetivo que pretende alcançar com a IS, sendo analisado o foco da ação.

Os dados coletados foram analisados por meio de análise interpretativa, que envolveu uma reflexão crítica dos pesquisadores, resultando em um conjunto de associações entre os dados e as dimensões de análise. A criatividade dos pesquisadores desempenhou um papel importante nesse processo, conforme sugerido por Godoy (2006).

Por fim, após entender como operam as organizações de suporte, passamos à análise das concepções de inovação social subjacente às suas atuações. Os dados foram analisados de forma interpretativa, associando as características de cada uma das três dimensões às concepções tecnocrática ou democrática de IS. Os resultados são apresentados e discutidos na próxima seção.

■ RESULTADOS E DISCUSSÃO

A primeira dimensão analisada foi a dimensão **processo**. Sua compreensão envolveu a análise do modo de coordenação da inovação social, meios e restrições (Tardif & Harrison, 2005). Neste âmbito, identificamos que o ICom tem como estratégias de atuação: a promoção de conhecimento, por meio da realização de diagnósticos sociais participativos e formações; a articulação da comunidade, por meio do mapeamento de organizações não governamentais; o fortalecimento da sociedade civil organizada, por meio de apoio técnico e financeiro; e o estímulo ao investimento social privado, buscando que empresas e pessoas físicas se envolvam em causas de interesse público por meio de doações.

No processo de inovação social a comunidade não é somente beneficiária ou recebedora de um serviço, mas ator relevante em projetos que identificam como sendo seus. A exemplo desse enfoque coparticipativo, a Entrevistada 1 informou que “a gente [vai] conversando e estimulando com o que elas [iniciativas sociais] nos tragam em forma de pergunta, as dores e os desafios que elas têm é uma maneira da gente identificar o problema e aí a gente consegue intervir”. Além da ênfase na participação da comunidade, essa organização estabelece conexões com diferentes atores como conselhos municipais, universidades, organizações da sociedade civil, comunidades locais e empreendedores sociais, conforme pode ser identificado nas análises documentais.

Uma das principais restrições enfrentadas nos processos de inovação social é a falta de recursos financeiros. Para enfrentar essa questão o ICom concentra esforços na criação de uma cultura de doação recorrente para atender às demandas das organizações sociais. A necessidade de

profissionalização do campo também é outro um desafio apontado. Conforme sustentado pela organização em diversos de seus materiais (como site, capacitações e publicações) superar a filantropia e o assistencialismo e promover transparência, divulgação de relatórios e números é relevante para que as iniciativas de inovação social mostrem à sociedade a importância de seus trabalhos.

Ainda em relação à dimensão processo, verificou-se que a outra organização analisada, o Social Good Brasil, busca soluções promovendo capacitações e programas voltados para a utilização de dados na tomada de decisões, baseando-se em ciclos que englobam o diagnóstico do problema, ideação de soluções e prototipagem. Em suas atividades são envolvidas prioritariamente empresas privadas, com destaque para a figura do empreendedor social. A Entrevistada 2 comenta que a organização tem procurado cada vez mais diversificar os atores envolvidos com a organização, identificando principalmente “lideranças de impacto”. Entre seus principais desafios está a captação de recursos financeiros para sustentar suas atividades e garantir a sobrevivência da própria organização. A organização entende este processo de obtenção de financiamento como algo complexo e que exige esforços constantes para diversificar as fontes de recursos, adaptar a estrutura organizacional e inovar.

Foi possível verificar que o ICom e o SGB desenvolvem processos diferentes na promoção da inovação social. Embora o ICom incentive o investimento social privado como uma fonte de financiamento para as iniciativas de inovação social, também atua no fortalecimento dessas organizações para que sejam autônomas. Além disso, o SGB enfrenta os problemas sociais por meio de uma atuação mais estrutural, como a participação em conselhos municipais, por exemplo. Já o Social Good tem outro modo de encarar a inovação social. Essa organização busca criar espaços de aprendizado e soluções tecnológicas que estimulem o uso de dados para soluções sociais por meio da capacitação de indivíduos e empresas. Assim, seus esforços estão direcionados na formação de indivíduos que sejam capazes de gerar soluções inovadoras.

As diferenças de atuação entre ambas as organizações no que tange a dimensão processo, remonta a discussão de Cajaiba-Santana (2014) e Ayob et al. (2016). Quando afirmam que a inovação social têm sido polarizada entre a abordagem da agência, que enfatiza o papel de indivíduos ou “heróis” como a força causal primária (o SGB), e a abordagem estruturalista, que foca em como as estruturas e os contextos sociais influenciam e moldam a inovação social (o ICom).

A segunda dimensão, **atores**, refere-se aos atores sociais, organizacionais, institucionais e intermediários que são (ou não) envolvidos no processo de inovação social. O ICom tem uma relação de proximidade com os atores sociais acessando a sociedade civil por meio de movimentos, grupos não formalizados, iniciativas de base comunitárias e coletivos. Nas palavras da Entrevistada 1 “O ICom é sempre ponte entre os atores”. Em relação às empresas, o ICom faz ponte para realização do investimento social privado. Quanto aos atores institucionais há parceria com universidades locais e participação em conselhos municipais e algumas redes. Identificamos também que o ICom mantém um diálogo frequente com prefeituras e secretarias municipais e estaduais. Por fim, além do seu quadro de 08 colaboradores,

o ICom conta com uma rede de voluntários que colaboram para fortalecer as comunidades locais.

No SGB os atores sociais são as lideranças de impacto envolvidas em causas sociais e ambientais, empreendedores sociais e empresas que foquem na responsabilidade social empresarial, por meio de seus institutos e fundações. Quando há campanhas específicas, o SGB busca o apoio financeiro de empresas para fomentar os projetos sociais. Nas palavras da Entrevistada 2 “Não é só o SGB o único responsável [pelos projetos desenvolvidos]. Se a gente tem uma empresa que quer oferecer uma formação para mulheres, a gente faz campanhas, chamadas, mas às vezes a gente precisa do apoio dessa empresa para atrair [pessoas para participar]”. Embora o SGB trabalhe capacitando indivíduos, entende que os esforços solitários não são suficientes para a promoção dos seus projetos e alcance do público-alvo, tornando-se importante a conexão com empresas de tecnologia, incubadoras e startups. Por fim, quanto aos atores intermediários o SGB conta prioritariamente com seus colaboradores, além de voluntários que prestam apoio para o desenvolvimento de novas soluções e tecnologias atuando diretamente nos territórios.

Embora ambas as organizações mobilizem diversos atores, retomando as discussões de Montgomery (2016), observamos que o SGB tende ao pensamento tecnocrático pois dá destaque ao empreendedor social, aos experts em dados e tecnologia e o ICom tende à perspectiva democrática já que prioriza os sujeitos afetados pelo problema social e a formação de redes.

Quanto ao propósito, a terceira dimensão da inovação analisada, buscamos entender o que impulsiona as ações das organizações estudadas, examinando suas motivações ao se envolverem como organizações de suporte à formação para a inovação social, os valores e princípios contidos em suas atividades e os objetivos que pretendem alcançar com sua atuação. Identificamos que o ICom busca fortalecer as estruturas e práticas das iniciativas de inovação social, visando aumentar seu impacto social e contribuir para o desenvolvimento socioeconômico das comunidades atendidas. A abordagem adotada é de evitar oferecer soluções prontas e tradicionais, que segundo a Entrevistada 1 “muitas vezes são inadequadas”. O foco principal é ser um mediador, reconhecendo que o poder e o conhecimento já estão na própria iniciativa ou comunidade. Nesse sentido, o ICom trabalha em colaboração com os interessados na solução dos problemas, para descobrir formas de fortalecimento, levando em consideração os valores e respeitando o estágio de desenvolvimento institucional de cada iniciativa. Assim, percebe-se que o propósito do ICom parte do pressuposto de que as soluções para os problemas sociais devem ser co-desenvolvidas com a comunidade, ao invés de serem ofertadas por atores externos.

O SGB vê as inovações sociais como uma busca por soluções que sejam criativas e transformadoras, entendendo que a inovação social deve ser orientada para o bem, buscando uma melhor qualidade de vida para as pessoas e promovendo equidade e sustentabilidade. Para a organização, o propósito das inovações sociais está na promoção de mudanças que sejam significativas na sociedade, abordando problemas que sejam complexos. Para isso, o SGB demonstra repensar formas tradicionais de lidar com os desafios, buscando novas abordagens, tecnologias e estratégias que possam gerar um impacto positivo. Neste contexto, o propósito do SGB demonstra estar centrado em gerar resultados que promovam impacto social por meio do uso de dados para identificar tendências e desenvolver soluções práticas.

O uso dos dados é visto como um componente para solucionar problemas sociais. Porém, não considera fatores estruturais, históricos e sociais para resoluções de problemas em sua origem.

Retomando as discussões teóricas quanto ao propósito da IS, identificamos que o foco do SGB é no resultado da inovação social, traduzindo uma concepção mais tecnocrática de IS (Mulgan, 2006; Murray et al. 2008; Murray et al., 2010). Por sua vez, o ICom, ao priorizar a percepção da comunidade sobre os problemas sociais e buscar reconhecer as causas primárias geradoras dos problemas por meio de diagnósticos territoriais, sinaliza uma concepção de IS mais alinhada à perspectiva democrática (Cloutier, 2003; Moulaert, 2009; Westley, 2008; Wittmayer et al., 2019; Savall, 2022).

Em síntese, analisando o ICom identificamos elementos da perspectiva democrática de IS (Montgomery, 2016), uma vez que prioriza processos de longo prazo e considera os fenômenos de forma integrada. A organização busca promover a inovação social por meio da criação de redes de colaboração e do fortalecimento de instituições locais, atuando como um intermediário entre empresas, governo e organizações da sociedade civil. Reconhecendo a importância das organizações de base, o ICom busca conhecer e dar visibilidade ao trabalho das entidades que desenvolvem projetos socioambientais, situando-as como atores essenciais na promoção do desenvolvimento da cidade. Ao priorizar o conhecimento e articulação da comunidade, o ICom busca fortalecer o envolvimento ativo dos indivíduos e comunidades locais, reconhecendo o poder transformador que surge quando esses atores estão engajados e participam ativamente na resolução de problemas sociais. Sua concepção de IS, revelada por meio da sua atuação, ressalta a importância do protagonismo da comunidade para impulsionar a transformação social (Taylor, 1970; Cloutier, 2003; Andion et al., 2020).

De forma distinta, o SGB concentra-se em inovações sociais criativas e transformadoras, buscando resultados tangíveis e impactantes. A organização prioriza capacitações e programas voltados para o uso de dados na tomada de decisões. Na sua atuação observa-se a adoção de um processo cíclico que consiste em etapas bem definidas, incluindo prototipagem e testes e observa-se uma ênfase no papel do empreendedor social como agente da transformação social. A narrativa da organização destaca a necessidade de abordagens disruptivas e soluções inovadoras para enfrentar os desafios sociais, utilizando tecnologia, análise de dados e novas estratégias para gerar impacto social. O foco nos resultados inovadores reflete a busca por soluções práticas e efetivas que possam trazer mudanças significativas na sociedade (Stanford, 2003; Mulgan, 2006; Murray et al. 2008; Murray et al., 2010). Assim, as ações realizadas pelo SGB se aproximam mais à perspectiva tecnocrática da IS, conforme características discutidas por Montgomery (2016).

Apesar de uma tendência à perspectiva democrática do ICom e tecnocrática do SGB, não identificamos evidências de práticas de resistência ou contra hegemônicas ao sistema em que estão inseridas (Barcellos et al., 2014). Isso sugere que essas organizações estão imersas em um contexto mais amplo e que, operam dentro das expectativas e dinâmicas estabelecidas. Essa abordagem adaptativa pode indicar uma estratégia de sobrevivência e viabilização das organizações de suporte em um contexto dominado pela lógica do mercado. Ao não questionar o sistema existente, elas podem estar procurando garantir recursos, legitimidade e sustentabilidade para suas atividades.

No entanto, essa forma de atuação pode limitar a capacidade de questionar e transformar as estruturas e normas sociais que perpetuam os problemas socioambientais (Westley, 2008; Wittmayer et al., 2019; Avelino et al., 2019; Slee, 2021). Assim, embora inovações sociais possam ser fomentadas a partir da atuação das organizações de suporte, é importante reconhecer que elas podem estar restritas a práticas convencionais e não desafiar as bases do sistema vigente. Isso ressalta a importância de um olhar crítico sobre as estratégias adotadas pelos atores envolvidos no EIS.

■ CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo foi conduzido com o propósito de problematizar a concepção de inovação social subjacente à atuação de proeminentes organizações de suporte à formação no EIS. Ao explorar essa questão, nosso objetivo foi mostrar que as organizações de suporte à formação estão profundamente envolvidas na produção do significado de inovação social, na maneira como este significado se propaga no ecossistema e, com isso, influenciam a direção dos processos de mudança social.

Este artigo foi conduzido com o propósito de investigar como se dá a atuação de organizações de suporte à formação na promoção da inovação social. Ao explorar essa questão, nosso objetivo foi mostrar que as organizações de suporte à formação estão profundamente envolvidas na produção do significado de inovação social, na maneira como este significado se propaga no ecossistema e, com isso, influenciam a direção dos processos de mudança social.

Os atores que formam um ecossistema de inovação social se envolvem, por meio de sua atuação, na construção de uma realidade social, podendo propor melhorias dentro das estruturas vigentes ou questioná-las e atuar por novas configurações. Com a atuação das organizações de suporte à formação não é diferente. Ao se lançarem no ecossistema como promotores da IS, sua atuação pode estar associada à perspectiva tecnocrática, favorecida pelo neoliberalismo e pela natureza despolitizante, ou tender mais à perspectiva democrática, com o objetivo de criar espaços para alternativas ao projeto neoliberal (Montgomery, 2016).

Portanto, inovação social não é um termo neutro, é um projeto de sociedade que se disputa. Assim, a inovação social pode (ou não) ser uma ferramenta para a mudança social e transformação das estruturas sociais que perpetuam relações assimétricas de poder. Nesse contexto, embora a promoção da Inovação Social seja o alvo das organizações de suporte à formação, o projeto de transformação social que operam pode levar a visões de sociedade antagônicas entre si a depender da perspectiva de IS à qual se vinculam.

As possibilidades de atuação para as organizações de suporte são inúmeras, porém, quando se ancoram em uma perspectiva de inovação social, outras ficam em segundo plano. Isso significa que uma narrativa ganha projeção, enquanto outras deixam de receber atenção ou até mesmo deixam de existir. Na medida em que examinamos as concepções de inovação social promovidas pelas organizações de suporte por meio da sua forma de atuação, podemos compreender qual perspectiva de inovação social predomina no

Perspectivas de inovação social disseminadas por organizações de suporte: implicações para o ecossistema

campo. Nesse contexto, nossa pesquisa traçou dimensões de análise para explorar a atuação de organizações de suporte na promoção da inovação social em Florianópolis e problematizar essa atuação. Para isso, destacamos a interconexão entre as concepções de IS e as práticas das organizações de suporte, que se manifestam como formas de expressar suas posições e visões de mundo. Ao analisar a atuação destas organizações por meio das dimensões processos, atores e propósito, pôde-se identificar a concepção de IS predominante, verificando-se uma tendência à perspectiva democrática no ICom e tecnocrática do SGB.

Ao examinar a atuação das organizações de suporte à formação para a inovação social, o estudo contribuiu para a compreensão das formas pelas quais a inovação social é impulsionada e disseminada. Além disso, a investigação analisou como as organizações concebem e interpretam a inovação social, revelando diferentes perspectivas e abordagens utilizadas para lidar com os desafios sociais complexos. Essas contribuições têm implicações importantes para a teoria e a prática dos estudos organizacionais, ao fornecer um maior entendimento sobre como as práticas organizacionais participam da configuração do ecossistema de inovação social.

Por fim, ressaltamos a importância de uma agenda de pesquisa que se debruce sobre a atuação destes atores, como já haviam sugerido Pel et al. (2020). Uma das questões que se coloca a partir do nosso estudo é compreender como que as iniciativas de inovação social que recebem apoio das organizações de suporte à formação interpretam o conteúdo recebido e o aplicam, admitindo sua posiçãoativa na construção da realidade social. Assim, estudos posteriores poderão oferecer novas análises que contribuem para a consolidação do conhecimento deste aspecto importante dos EIS.



REFERÊNCIAS

- Alves, M. A.. (2023). Compte rendu: Unveiling the Depths of Social Innovation: A Journey Through Scholarship and Critique. A review of The Encyclopedia of Social Innovation. *Management international*, doi: 10.59876/a-rkvy-5c6y
- Andion, C., Alperstedt, G. D., & Graeff, J. F. (2020). Ecossistema de inovação social, sustentabilidade e experimentação democrática: um estudo em Florianópolis. *Revista De Administração Pública*, 54(1), 181–200. <https://doi.org/10.1590/0034-761220180418>
- Andion, C., Ronconi, L., Moraes, R. L., Gonsalves, A. K. R., & Serafim, L. B. D. (2017). Sociedade civil e inovação social na esfera pública: uma perspectiva pragmatista. *Revista De Administração Pública*, 51(3), 369–387. <https://doi.org/10.1590/0034-7612143195>
- Audretsch, D. B., Eichler, G. M., & Schwarz, E. J. (2022). Emerging needs of social innovators and social innovation ecosystems. *International Entrepreneurship and Management Journal*, 1-38.
- Avelino, F., Wittmayer, J. M., Pel, B., Weaver, P., Dumitru, A., Haxeltine, A., ... & O'Riordan, T. (2019). Transformative social innovation and (dis) empowerment. *Technological Forecasting and Social Change*, 145, 195-206. <https://doi.org/10.1016/j.techfore.2017.05.002>
- Ayob, N., Teasdale, S., & Fagan, K. (2016). How social innovation ‘came to be’: tracing the evolution of a contested concept. *Journal of Social Policy*, 45(4), 635-653. <https://doi.org/10.1017/S004727941600009X>
- Barcellos, R., Dellagnelo, E., & Salles, H. (2014). Práticas organizacionais e o estabelecimento de lógicas de equivalência: o Circuito Fora do Eixo à luz da Teoria Política do Discurso. *R.Adm*, 49(4), 684-697. <https://doi.org/10.5700/rausp1177>
- Bignetti, L. P. (2011). As inovações sociais: uma incursão por ideias, tendências e focos de pesquisa. *Ciências Sociais Unisinos*, 47(1), 3-14. <https://doi.org/10.4013/1040>
- Bragaglia, F. (2021). Social innovation as a ‘magic concept’for policy-makers and its implications for urban governance. *Planning Theory*, 20(2), 102-120.
- Bronwyn,B., Dawson, P., Devine,K., Hannum,C., Hill,S., Leydens,J., Matuskevich,D., Traver,C., Palmquist, D. (2005). Case Studies. Writing@CSU. Colorado State University. Disponível em <https://writing.colostate.edu/guides/guide.cfm?guideid=60>.

- Buckland, H., & Murillo, D. (2013). Antena de innovación social: vías hacia el cambio sistémico: ejemplos y variables para la innovación social. Barcelona: ESADE - Instituto de Innovación Social.
- Cajaiba-Santana, G. (2014). Social innovation: Moving the field forward. A conceptual framework. *Technological Forecasting and Social Change*, 82, 42-51. <https://doi.org/10.1016/j.techfore.2013.05.008>
- Cloutier, J. (2003). Qu'est-ce que l'innovation sociale? Montréal: Crises.
- Cunha, J., & Benneworth, P. (2013). Universities' contributions to social innovation: towards a theoretical framework. Paper presented at European Urban Research Association (EURA) Conference, Enschede, The Netherlands.
- Domanski, D., & Kaletka, C. (2018). In Howaldt, J., Kaletka, C., Schröder, A., & Zimgiebl, M. (Eds.). (2018). *Atlas of social innovation: new practices for a better future*. Technische Universität Dortmund.
- Domanski, D., & Kaletka, C. (2020). Exploring the Research Landscape of Social Innovation. A deliverable of the project Social Innovation Community (SIC). Dortmund, Germany: Sozialforschungsstelle.
- Fava, V. (2023). Inside the black box: in search of conceptual tools for evaluating and designing social innovative practices. *Innovation: The European Journal of Social Science Research*, 36(2), 155-157.
- Fulgêncio, H., & Fever, H. L. (2016). What is the social innovation system? A state-of-the-art review. *International Journal of Business Innovation and Research*, 10(2-3), 434-452. <http://dx.doi.org/10.1504/IJbir.2016.074837>
- Godin, B. (2012). Social Innovation: Utopias of Innovation from c. 1830 to the Present. Project on the Intellectual History of Innovation Working Paper, 11, 1-5.
- GODOY, S. Estudo de caso qualitativo. In: GODOY, C.; BANDEIRA-DE-MELO, R.; SILVA, A. *Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos*. São Paulo: Saraiva, 2006. p. 115-146.
- Haxeltine, A., Avelino, F., Wittmayer, J., Kemp, R., Weaver, P., Backhaus, J., & O'Riordan, T. (2013). Transformative social innovation: a sustainability transitions perspective on social innovation. In *Social Frontiers: The next edge of social innovation research*.
- ICom. (2023). Instituto Comunitário Grande Florianópolis. <https://www.icomfloripa.org.br>
- MacCallum, D., Moulaert, F., & Leubold, B. (2017). Social innovation as a trigger for transformations: the role of research. Publications Office. <https://data.europa.eu/doi/10.2777/68949>

- Magalhães, T., Andion, C., & Alperstedt, G. D. (2020). Laboratórios vivos de inovação social e ação pública: um enfoque analítico e um caminho metodológico baseados no pragmatismo. *Cadernos EBAPE. BR*, 18, 680-696. <https://doi.org/10.1590/1679-395120190159>
- Maldonado-Mariscal, K. & Iwan, Alijew. (2023). 4. Social innovation and educational innovation: a qualitative review of innovation's evolution. *Innovation-the European Journal of Social Science Research*, doi:10.1080/13511610.2023.2173152
- Montgomery, T. (2016). Are social innovation paradigms incommensurable? *Voluntas: International Journal of Voluntary and Nonprofit Organizations*, 27, 1979-2000. <https://doi.org/10.1007/s11266-016-9688-1>
- Moulaert, F. (2009). Social Innovation: Institutionally Embedded, Territorially (Re) Produced. In MacCallum, D., & Haddock, S.V. (2009). *Social Innovation and Territorial Development* (F. Moulaert, Ed.) (1st ed.). Routledge. <https://doi.org/10.4324/9781315609478>
- Moulaert, F., & MacCallum, D. (2019). *Advanced introduction to social innovation*. United Kingdom: Edward Elgar.
- Mulgan, G. (2006). The Process of Social Innovation. *Innovations: Technology, Governance, Globalization*; 1(2), 145–162. <https://doi.org/10.1162/itgg.2006.1.2.145>
- Murray, R., Mulgan, G., & Caulier-Grice, J. (2008). How to Innovate: The tools for social innovation.
- Murray, R., Caulier-Grice, J., & Mulgan, G. (2010). *The open book of social innovation*. London: Nesta.
- OBISF. (2023). Observatório de inovação social de Florianópolis. <https://www.observafloripa.com.br/is-page//whatls>
- Pel, B., Wittmayer, J., Dorland, J., & Jørgensen, M. S. (2020). Unpacking the social innovation ecosystem: an empirically grounded typology of empowering network constellations. *Innovation: The European Journal of Social Science Research*, 33(3), 311-336. Advance online publication. <https://doi.org/10.1080/13511610.2019.1705147>
- Rollin, J., & Vincent, V. (2007). Acteurs et processus d'innovation sociale au Québec. Réseau québécois en innovation sociale.
- Salles, H. K. D., & Dellagnelo, E. H. L. (2019). A Análise Crítica do Discurso como alternativa teórico-metodológica para os estudos organizacionais: um exemplo da análise do significado representacional. *Organizações & Sociedade*, 26(90), 414-434.
- Satalkina, L & Steiner, G. (2022). 7. Social Innovation: A Retrospective Perspective. *Minerva*, doi: 10.1007/s11024-022-09471-y

- Savall, N. V. (2022). Una aproximación al concepto de innovación social ya su contribución en los estudios de desarrollo territorial. *TERRA: Revista de Desarrollo Local*, (10), 138-163.
- SGB. (2023). Social Good Brasil. <https://socialgoodbrasil.org.br>.
- Shockley, G. (2015). The International Handbook on Social Innovation: Collective Action, Social Learning and Transdisciplinary Research. Cheltenham, U.K. and Northampton, Massachusetts: PB - Edward Elgar. *Journal of Regional Science*, 55(1), 152–154. <http://dx.doi.org/10.1111/jors.12182>
- Slee, B., Burlando, C., Pisani, E., Secco, L., & Polman, N. (2021). Social innovation: a preliminary exploration of a contested concept. *Local Environment*, 26(7), 791-807.
- Stanford School of Business. Center for Social Innovation (2023). Defining Social Innovation. Retrieved October 5, 2023. Disponível: <https://www.gsb.stanford.edu/experience/about/centers-institutes/csi/defining-social-innovation>
- Tardif, C., & Harrison, D. (2005). Complémentarité, convergence et transversalité: la conceptualisation de l'innovation sociale au CRISES (No. 513). Crises.
- Taylor, J. B. (1970). Introducing social innovation. *The journal of applied behavioral science*, 6(1), 69-77.
- Thomas, G. (2011). A typology for the case study in social science following a review of definition, discourse, and structure. *Qualitative inquiry*, 17(6), 511-521. Doi: DOI: 10.1177/1077800411409884
- Unger, R.M. (2015). Conclusion: The Task of the Social Innovation Movement. In: Nicholls, A., Simon, J., Gabriel, M. (eds) New Frontiers in Social Innovation Research. Palgrave Macmillan, London. https://doi.org/10.1057/9781137506801_1
- Westley, F. (2008). The Social Innovation Dynamic. SiG@Waterloo Working Paper [ElectronicVersion]. http://sig.uwaterloo.ca/sites/default/files/documents/TheSocialInnovationDynamic_001.pdf
- Wittmayer, J., Backhaus, J., Avelino, F., Pel, B., Strasser, T., Kunze I., & Zuijderwijk, L. (2019). Narratives of change: How social innovation initiatives construct societal transformation. *Futures*, 112, 102433. <https://doi.org/10.1016/j.futures.2019.06.005>



NOTAS

Licença de Uso

Os autores cedem à **Revista de Ciências da Administração** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a **Licença Creative Commons Attribution (CC BY) 4.0 International**. Esta licença permite que terceiros remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

Editora

Universidade Federal de Santa Catarina. Departamento de Ciências da Administração. Publicação no **Portal de Periódicos UFSC**. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

Editores

- Rosalia Aldraci Barbosa Lavarda
- Leandro Dorneles dos Santos

Histórico

Recebido em:	06-03-2024
Aprovado em:	30-10-2024
Publicado em:	18-11-2024